



Jo A-mi (org.)  
João Miguel Lima  
Camila Chaves  
Allan Alfredo  
Cecí Shiki  
Batalha

## **Escrita Provocações**

### **Resumo**

Cinco textos resultantes da oficina Escrita Provocações, realizada e proposta pelo LAMUR – Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas, da Universidade Federal do Ceará, em 2017, em que o texto foi explorado como processo de criação e pensamento poético.

**Palavras-chave:** Escrita. Processo de criação. Micropolítica.

### **Abstract**

Five short pieces written during the Provocações workshop, proposed and produced by LAMUR (Universidade Federal do Ceará's Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas), in 2017, in which the text form was explored as poetic thinking and creative process.

**Keywords:** Writing. Creative Process. Micropolitics.

## Apresentação

Jo A-mi<sup>1</sup>

Toda escrita tem sua temperatura: às vezes vaporiza, por outras congela. Latente, contudo, nunca deixa-de-ser. A escrita está aqui e ali ainda nas imagens dos pensamentos, em rabiscos e palavras soltas, nas frases, parágrafos, epígrafes, provérbios, lembretes, versos. Na oficina **Escrita Provocações**, realizada no segundo semestre de 2017 e proposta pelo LAMUR – Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas (UFC), compreendi: sabemos escrever, o que não sabemos é desfazer a ideia cristalizada de escrita; ideia enraizada pela escola, pelos concursos literários, pelas deidades acadêmicas e formaturas gramaticais de que a escrita só pode ser tecida por algumas pessoas iluminadas/iluministas. Ora, escrita é pensamento que se re-volta (pacto poético, por vezes conflitante, entre quem escreve e quem lê) e tudo o mais que não sabemos; é o que está, mesmo quando ainda não aconteceu no papel ou na tela do computador. Todos sabemos escrever (até quem não passou pelo ensino formal), mas a ideia de que não conseguimos/podemos escrever nos afunda num medo mascaradamente inextricável que vai destruindo muitas experiências com a escrita. De outro modo, a proposta que partilhei pela **Escrita Provocações** foi a de trazer a escrita enquanto estação de afetos – a partir da imagem de “estação” sobressaída em Walter Benjamin na “Origem do drama trágico alemão” – quando “o próprio da escrita é, a cada frase, parar para recomeçar”; afetando e sendo afetadas pelo “outro”, as escritas-processo da oficina foram pouco a pouco inventadas nas caminhadas pela cidade e nas leituras coletivas dos escritos construídos a cada (des)encontro. E, mesmo com medo das horas do medo de escrever, e sendo poetas, decidimos contar os a-versos de uns mundos por compreendermos que escrita se faz de estações-afeto a estações-afeto em palavras que tecelam palavras. Os contos, aqui publicados, portanto, tentaram se redesenhar com imaginações de poeta: “Hora de delicadeza, gasalho, sombra, silêncio. Haverá disso no mundo?” (Carlos Drummond de Andrade, no livro “A rosa do povo”).

1 Artista visual e professora-pesquisadora do Instituto de Humanidades e Letras (UNILAB-CE) e do Programa de Pós-Graduação em Artes (UFC). Coordena o ATELIE (Grupo de pesquisas e estudos interartes/UNILAB) e participa do LAMUR (Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas/UFC) e do Núcleo de Políticas de Gênero e Sexualidade (UNILAB). Trabalha com pesquisas e projetos de extensão nas áreas de Arte Contemporânea e Literaturas contemporâneas de Língua Portuguesa com discussões que passam por Arte Urbana/Cidade/Urbanidade, Gênero/Corpo/Erotismo, Escrita/Escritura/Poética. Enquanto escritora, publicou os livros “Pela Impermanência” (2018) e “Cor Adormecida” (2012). <https://joa-miart.wixsite.com/joa-mi>.

## Brincadeira de criança

João Miguel Lima<sup>2</sup>

Um pé desbrava caminho para o outro pé. Passos inseguros em terreno desconhecido. No assoalho de madeira, as tábuas estalam de dor e prazer.

O braço direito vai estendido, com a mão aberta e os olhos cerrados. Os dedos se esticam em direção à claridade encoberta. É firme o nó do pedaço de pano amarrado acima da nuca, e ainda assim facilmente desfeito, mas estava imerso na brincadeira. São onze e meia da manhã, sol radiante, e um suave sopro de vento traz cheiros e sonoridades do jardim. Os dedos desejam ver um objeto, uma parede, ou o que quer que seja. Na altura do umbigo, a mão esquerda busca apoio, uma borda.

– Tá frio! – Grita uma voz feminina ao fundo.

– Frio? Não! Gelado! – Dispara o filho da vizinha, que parece estar no outro cômodo.

– Tá uma sorveteria inteeeeira! – E todos riem.

Leandro continua a andar em direção oposta à brincadeira. Mais alguns passos, e ele estará no jardim. A dona da casa lança um olhar inquisidor para a mãe do garoto, seguida em sincronia pelas outras mães. Ela até ensaia adverti-lo, mas não o faz e sorri para as outras, como quem diz “Crianças...” ou talvez “Deixa meu filho fazer o que quiser no aniversário dele, porra”.

Agora, Leandro desce os dois degraus que desnivelam a casa e o amplo gramado, vagarosamente. É inegável o calor do sol em sua pele, é inegável a claridade daquela manhã. Pássaros cantam e árvores farfalham suas folhas.

Silêncio perturbador domina o interior da casa, estranho demais para uma festa infantil. As crianças saem de seus esconderijos e se aglomeram na sala. A mãe mais proativa se levanta, bate palma para chamar atenção e propõe o DVD de um filme de aventura.

– Quem quer? – E estoura aquele “eeeeê!” coletivo.

A anfitriã se levanta e se antecipa para ligar a televisão ela mesma:

– É que eu sou muito cuidadosa com as minhas coisas.

A mãe de Leandro aciona o sorriso amarelo no semblante, já arrependida de fazer a festa de aniversário do filho na casa dos outros. Vira seu rosto para a janela da sala, a fim de acompanhar o aventureiro no jardim. O bebê agora tem dez anos.

Leandro caminha com facilidade agora. Pisar a grama é confortável, pois não estala e não há móveis ao redor com bombonnières de vidro ou miniaturas de souvenir de viagem para se bater e quebrar. A árvore que farfalha está perto. Ele sente o cheiro de sombra e escuta o canto de pássaros laboriosos, ocupados. De repente, a pele já não queima e para. Puxa a venda dos olhos para a altura do pescoço, abre os olhos e agora contempla o caule da árvore. Levantando a cabeça, a boca abre alguns centímetros e

2 Habitante de cinco peles (como você), hibridiza-se com ruas, plantas e folhas na cidade sempre que pode. Interessado nas antropocenas, é autor das duas fotografias que ilustram “Brincadeira de criança”. Mestre em Sociologia e pesquisador do LAMUR – Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas, também se aventura com zines e traduções. <http://cargocollective.com/joaomiguellima>.

*prof.* Cai algo em sua língua e, despreparado, engole as sementes que um pássaro mastigava e regurgitava e mastigava e regurgitava. O pássaro olha para ele, ele olha para o pássaro, e Leandro entende o que engoliu. Tosse, tenta cuspir, mas é tarde demais, já passeia pelo estômago.

É hora de voltar para dentro da casa, e talvez até voltar para a sua própria casa. O sol volta a iluminá-lo e, enquanto caminha, sente um arrepio que passa por todo o corpo. Algo treme em sua barriga. Poderiam ser as duas fatias de bolo de chocolate com cobertura. Algo cresce em sua barriga, e um arrepio passa pelo peito, os ombros, os braços, as mãos. Leandro para no meio do jardim. Algo se espicha por cada um de seus dedos das mãos e arde e a pele irrompe e brotam vinhas, que crescem um, cinco, dez centímetros, com ondulações no comprimento. Com elas, brota também o pânico. O que está acontecendo comigo? No desespero, quebra os galhinhos, mas sente algo pelas pernas, pres-tes a alcançar os pés. Senta na grama, desata os nós do cadarço, afrouxa o tênis, retira-o e puxa a meia. Microrraízes na sola do pé.



Muito jovem para se fixar numa vida estável, Leandro pega a meia e o tênis da mão, levanta-se com um pé descalço e corre para dentro de casa.

– Mãe, não tô me sentindo bem! Podemos ir pra casa?

– Agora, filho? O que você tem?

– Mãe, agora, mãe! É sério!

– Mas, Leandro... – O pânico na face do filho parece autêntico (desta vez), e ela acredita. Sorri desconcertada para as mães sentadas no sofá – Mas, filho, dê ao menos um tchau para os seus amiguinhos, dê. E se calce.

– Tchau, gente!

Corre para a porta principal, enquanto novos galhinhos se anunciam sob as unhas da mão. A mãe se demora para agradecer Marina pela casa, por tudo, que ela foi um amor. E beijinhos para Renata, Fernanda, Simone. Temos que marcar aquele almoço.



Do lado de fora, Leandro retira o outro tênis e se põe a caminhar pela calçada, perto do carro. Agora as raízes já não crescem. Precisa ficar em movimento. Atento aos pés, não percebe as duas mãos de galhos, com folhas brotando. Arranca-os, apressado, mas agora as folhas já brotam também das costas das mãos.

Observa as palmas das mãos e suas novas colorações. Chora de surpresa, mas engole o choro. Tenta se acalmar. Talvez estivesse apenas se regando.

– Vamos, Leandro... – A mãe se aproxima do carro, com os olhos para dentro da bolsa. – Ai, cadê essa chave...? Achei.

Um menino-arbusto olha para ela, descalço na calçada, em pleno sol quente. Horrorizada, ela grita.

Florescendo, braços-galhos estendidos, Leandro move suas raízes em direção à mãe, e a abraça.

## Despensar

Camila Chaves<sup>3</sup>

O chão se desmanchando sob os pés de Catarina e ela toda envergonhada. O coração em repique, o corpo encolhido, o rosto feito brasa. Era ela do lado de dentro enquanto, lá fora, os vizinhos da vila reclamavam quatro casas já derrubadas. Sem prévio aviso.

Mandado? Reintegração? Posse? Ela nunca nomeou nada. Alívio grande só veio quando aquele reboliço todo se arrefeceu. Com porta e janelas fechadas, ninguém percebeu que ela estivesse em casa. Na cabeça de gente que sempre trabalhou, era constrangedora a ideia sobre estar ali, em pleno dia.

Por isso, mesmo com a barriga já muito crescida, batalhou enquanto pôde para ver cumprida sua agenda de diarista, praticada à risca, tanto quanto sua religião. Pela lentidão e pelo cansaço já aparente, porém, foi inevitavelmente sendo dispensada por sua vasta lista de patroas e patrões.

Depois da confusão daquele dia, com a calma já estabelecida, foi enfim averiguar os fatos. Precisava organizar a casa porque a tentativa de despejo havia arrancado cerâmicas de parte da sala e do quarto, de modo que era possível ver o céu e o sol pelas brechas abertas no chão.

Foi caminhando com cuidado. Pegou balde, vassoura. Varreu lentamente, passou pano molhado. Com a tarde caindo e o corpo pesado, sentou-se para ver a paisagem mudando ali embaixo, ao lado do móvel onde ficava a televisão. Assistia a antigos episódios de seus dias.

No início, era a vila, com o céu bem perto dos pés e a terra sobre as cabeças da gente. E era cheia de voz, cheia de vida, até que a cidade ao redor foi submergindo, crescendo com a construção de prédios que, de tão grandes, empurravam o céu para longe, deixando as casas quase invisíveis.

Casas invisíveis, gente sem nome. Ali em silêncio, lembrou a partida do namorado, meses antes, sem deixar notícia. Acostumada às perdas, fechou os olhos, pôs uma das mãos na barriga e pensou no nascimento da criança, que escorregava de si para o chão e caía pro céu. Quis dispensar em seguida.

Não tendo conseguido, necessitou convocar ideia muito mais forte, que lhe fizesse enfim firme, que lhe desse voz, que lhe permitisse chorar, ser ouvida e, principalmente, que fosse capaz de dar vida a quem, se viesse a ser homem, chamaria Vicente, e, se mulher, Vicentina. Desejou nomear.

3 É mestre em Comunicação, pela Universidade Federal do Ceará, e Relações Públicas, graduada pela Universidade Federal do Maranhão. Na Literatura, tem trajetória recente, com seu primeiro conto, "Gigante é o Mar", escrito e publicado na coletânea Farol (Editora Moinhos). Integra o Ateliê de Narrativas Socorro Acioli e o Coletivo Delirantes de Escritoras e Escritores. [camila.chaves@yahoo.com.br](mailto:camila.chaves@yahoo.com.br). [www.facebook.com/familachaves](http://www.facebook.com/familachaves).

## Mas o tempo passou

Allan Alfredo<sup>4</sup>

Foi um silêncio que durou muito tempo. Talvez tempo demais; o suficiente para que ele não conseguisse olhar diante dos seus olhos o principal: a vida continua; o tempo não para. Diante das montanhas, em uma casa que era possível escutarem a música que tocava, quando as águas batiam nas pedras do rio, ele nasceu. Não tinha uma mãe, tinha cinco. Seu quintal era imenso. Grande mesmo. Aliás, a mãe natureza não tinha tamanho, igual seu coração, não havia partes ruins. Correndo com os primos, irmãs e vizinhos, parava cansado em um alpendre que era possível sentir o cheiro do bolo ganhar vida na fome que todos sentiam. Humilde, com o olhar de inocente, não sentia vaidade, só sentia os sonhos que sempre invadiam sua mente.

– Desligado! Parado no tempo com o olhar vidrado no nada. Não consegue acompanhar os colegas. Não acompanha nada. Isso é preocupante – Foi isso que a professora falou na reunião dos pais da escola onde ele estudava. Sua mãe ficou tão envergonhada, diante das outras mães, seu filho foi colocado como um aluno preocupante, sem solução. Mal comportado? Não. Desligado!

Faxina, combustível, bolo, salgados e ensino particular. “Eita” haja trabalho pesado, mas nenhum trabalho era tão pesado ao ponto de ser poupado para poder colocar uma educação melhor no garoto. E foram esses trabalhos durante anos, que pagaram uma educação melhor. No interior é assim: Educação boa é em escola particular. Triste pensamento. Educação boa é aquela que chama o filho no sofá da sala e fala as consequências dos seus erros. Educação é quando se conversa ou puxa a orelha do filho para que ele não diminua, mas progrida. Educação boa é aquela aprendida em casa de acordo com os bons costumes e exemplos de caráter e honestidade. De humildade e delicadeza. Na tevê, passava algo chamado, a casa das sete mulheres, na sua vida, era a casa das sete mulheres e o garoto sentimental. Dramático, era mimado por todas. Cresceu rodeado de mulheres, maior parte, com atividades domésticas. E o tempo foi passando. Não existiam maldades, era um sonhador.

Confiar não tinha importância, não existe maldade fora das novelas, era o que ele pensava. Apaixonado por telenovelas queria viver dramas e sofrimentos. Aprendeu a chorar com facilidade. Aprendeu a fingir. Aprendeu ir além de um mundo de possibilidades maiores. Lá era seu mundo. Fazia nascer, morrer, chorar, sofrer; tudo isso em um pequeno caderno em que descrevia a rotina dos seus brinquedos separados em um quarto especialmente para ele brincar. Parado no tempo. Em seu tempo. No seu mundo.

Brincar na natureza era normal, mas o normal ele não sabia e nem sentia. Até descobrir da pior forma uma porcentagem da maldade humana. O que é sexo? Como se faz sexo? Para quê serve o sexo? Ele descobriu com lágrimas. Aprendeu com agressão. Estupro não machuca o corpo, machuca a alma e a mente.

<sup>4</sup> Estudante de Letras - Português e Francês, na Universidade Federal de Campina Grande, no estado da Paraíba. Na linguística, mantém estudos extras nas variações e preconceitos linguísticos. Amante do cinema e dos bastidores da tevê. allanalfred1@gmail.com

Machuca a paz interior. Faz correr lágrimas por todo o corpo. Estupro, não causa sangue sujo, estupro trás um inferno sem fogo ardente. Um inferno mental. Seu mundo era na dele. Agora sim era só dele.

O tempo passou. Ele já não era o mesmo. Era um rapaz sonhador. – Parado! – Disse a vida quando viu uma doença em uma das suas mães. – Ei, florzinha. – Disse o preconceito quando ele falou da sua opção sexual. – Sonhe. – Disse o seu caderno que fazia companhia para seus desabafos e finais felizes em sua mente. Mas o tempo passou. Ele não era o mesmo. Ele mudou. Conheceu o amor. Um amor que depois de dez anos, o fez pensar que o mundo era bom. Um amor que tirou seu trauma. O pensamento que jamais iria ficar com alguém, pois conhecia o sofrimento de ser invadido, acabou. Descobriu o amor. Mas o tempo passou. Mentiras surgiam. Tirou sua paz. Mas o tempo passou. Ele nem é mais um rapaz.

Mas a vida é cheia de surpresas, e mostrou que ele nem é um homem. Nem muito menos um rapaz. É uma criança desesperada que não conseguiu vê a sua segunda mãe morrer em seus braços. Uma criança sozinha. Com seus medos e frustrações. – Olha você não é nada do que você pensou ser. – Disse a vida. – Você é além do que pode ser! – Concluiu ela. Como eu sei disso? Sei por que agora aprendi a olhar além do meu mundo. Aprendi com alegrias e tristezas, que igual a qualquer novela, sempre irá vir momentos altos, momentos baixos. Verdades na cara não doem. O que dói é guardar no peito tanto sentimento. Uma mistura de emoção e medo. Misturar a tristeza com as decepções doem mais do que encarar a vida de forma positiva. Subir em uma moto e sair para sentir o vento bater no meu rosto é melhor do que guardar no peito infantil, a falta de vontade de continuar. Um dia, uma mulher me mandou ter calma, antes dela morrer. Foi uma das cinco mães. Outro dia, alguém me mandou seguir meus sonhos porque ela estava errada, eu não era um desligado que não acompanhava. Aprendi que ninguém pode tirar minha paz. Que minha essência não pode ser perdida por causa de alguém. Que minha inocência foi tirada não por um homem imundo, que merece sofrer, mas sim por um homem que já sofre e precisa encontrar um caminho em sua vida. Um caminho diferente; caminho do bem. Aprender que as percas são normais, é mais difícil do que chorar em luto. Como sei disso? Sei por que o tempo passou. Sei por que vejo que não sou aquele rapaz que eu imaginava que fui e muito menos aquele homem que eu imaginei ser. Sei por que vejo que ainda sou aquela criança com pensamentos em uma construção constante. Sei por que enfim, sei me vê...

## Preciso de um cata-vento

Cecí Shiki<sup>5</sup>

Inspira. Expira. Inspira. Expira. Esse era o movimento que empreendia no seu corpo, afim de acompanhar a cadência das ondas. Mar e coração revoltos. O ritmo da espuma deixava um rastro de uma fúria contida, maré cheia maré seca.

Contemplava o mar como se evocasse um mantra. O corpo tentava se fazer consciente no presente, sentindo a entrada e saída de um elemento que falta em seu mapa astral. A respiração também ditava o ritmo da caminhada. O pé na areia era firme, como quem pisa na cara de... Certamente estaria bem longe àquela hora. Aterrissou em terras solares há poucos anos naquele mesmo pôr-do-sol, que poderia ser lindo, mas se mostrava indiferente.

Preciso de um cata-vento! – Cortou-lhe o pensamento tal imagem. Estaria o vento terral assombrando seus canteiros? Ou seria a maresia inebriando sua imaginação? Enquanto se detinha na imagem-pensamento, observava uma silhueta ao longe. Um corpo com formas desenhadas por um esforço contínuo movimentava a rede vinda do mar, praticamente vazia. – uma pena - Pensou – tanto esforço e o que vem é nada. No entanto, aqueles espaços negativos da rede lhe traziam memórias das aulas de desenho à beira do mar. Linha. Ponto. Fuga. Horizonte. A perspectiva agora era outra. Apertou os olhos e tentou superar a miopia cotidiana, mas pouco adiantou com o vento maral que soprava forte. Com certa dificuldade, reconheceu a figura que se aproximava.

5 Cecí Shiki é artista e mãe da Mel. Adora explorar as possibilidades de existência de uma linha, desenhando em casa ou na rua. Seus rabiscos já habitaram os muros da cidade de Fortaleza e algumas páginas de livros infantis, como a coleção PAIC. Sempre que pode, trabalha em parceria com artistas e coletivos. No momento, finaliza o mestrado no PPGArtes da UFC. <https://pequenaceci.carbonmade.com/> Instagram: @cecishiki



Neto é um pescador que conheceu numa dessas tardes de desenhos à beira do mar. Conversavam entre fumaças saídas de seus lábios sobre histórias de além-mar. Para um pescador, em que as palavras lhe faltam facilmente, Neto era hábil na trama de histórias. Numa delas, disse que ficou a deriva por dias... o mastro havia partido. Seu coração ficou a contemplar sua própria solidão envolto daquela imensidão oceânica. Por dias, o horizonte era como seu amor pelo mar: infinito.

Suas memórias o levaram às histórias de seu pai e sua mãe, pescadores do Guajiru, que, outrora, traziam da linha do horizonte, a comida que alimentava sua imaginação. No respiro de suas lembranças, mareou em direção à terra firme, sendo pescado e não pescador. Era rede preenchida de cantos de sereia, monstros marinhos e tesouros de piratas.

Ouvir as histórias de Neto fazia nascer o desejo de estar à deriva na imensidão. Chegaria à risca? Faltava-lhe não só a experiência de navegar, mas o juízo, que, segundo seu pai, vivia nos pés. Talvez tenha sido esse juízo que a fez dançar na proa do barco que a levou até a tal linha do horizonte, se fazia pescadora. Assim, soube lidar com a fúria (não mais contida) das ondas. A maré seguia seu fluxo de cheia e seca, as cores do nascer do sol, agora, era sua paleta diária. Inspira e expira a imensidão oceânica, que, agora, lhe dera instrumentos de medição poética.

**Re'encontro**Batalha<sup>6</sup>

O coração palpitava a menção do nome dela.

...

Não queria ser assim tão vulnerável a presença de outro coração. Sabia que iria encontra-la... Afinal com tantas amizades em comum seria quase impossível o re'encontro.

Encontrou um último trevo bolado no bolso da mochila. Sentou no tronco jogado a margem do lago, já sabia hora que o ônibus passaria... antigamente era ali que rotineiramente matavam o tempo antes da despedida.

Pressão baixou,

baixou a guarda,

baixou a máscara.

Eram saudades ou arrependimento que a deixava assim tão leve e frágil a presença da outra?

Pressão baixou,

baixou que não era culpa,

era tempo.

Em dez minutos o ônibus passaria, se perdesse esse, só em outros trinta minutos passaria o próximo.

Será que era assim tão ruim passar um tempo na presença dela? Na caminhada viu que as árvores de Pau Branco estavam apinhadas de frutos... aqueles frutos lembravam um coração. Os frutos só apareciam nessa época do ano. As flores que os antecediam anunciavam sua chegada.

O cheiro do amaciante da roupa dela anunciava a sua chegada. Quando o fruto do Pau Branco está maduro ele aparenta ser um fruto seco, com várias folhas em formato de coração protegendo a semente. Deve ser tipo como deveria ser o amor a envolver e acolher quem se ama.

O ônibus chegou, fones de ouvido,

o melhor a se fazer para evitar

as ideias é ter música preenchendo o lugar.

A cabeça encostada na janela, por mais quente que fosse nessa época do ano... existia todo um encanto pois os ipês estavam a florir.

No caminho passou pelo Passeio Público, a vista dali era encantadora. Quando tudo parecia caos, ali era um dos lugares que pareciam uma ilha conectada a outra realidade. O Mara Hope ao horizonte era uma ilha que atraía o olhar pra longe dos pensamentos que habitavam em si.

Desce ladeira com velocidade, é instintivo olhar para a esquerda. É costume verificar se tem alguma *bike* conhecida estacionada no Porto Iracema.

Já fica em pé apoiada na escada,

os prédios no horizonte tão altos,

afinal porquê privarem

pra si

a visão daquele tão lindo

mar

verde- azul?

Viu o edifício São Pedro, puxa a corda, parada... enfim, andar e dançar.

No meio da semana a praia ficava menos cheia, eram os dias

6 Batalha (Larissa Batalha) é artista formada em Ciências Biológicas, apaixonada por linguagens híbridas.

ideais pros encontros descontraídos com os amigos. No cami-  
nho passa no supermercado e comprar  
a cerveja,  
abre e dá um gole  
lembrou que ela vem  
bebe mais um gole  
tá tudo diferente agora  
mais um gole.

Areia nos pés, sinal de mochila no chão.  
Canga esticada, mais música por favor.  
Olho fechado, a luz do sol é muito forte, sol deve só manter a cor  
da pele e não cegar a vista.  
Alguém sentou ao seu lado na canga, nem precisava abrir os  
olhos... será que tava preparada para revê-la?  
A única reação era o riso. Não um riso contido. Aliás, nunca sou-  
be ao certo a razão de se conter riso/sorrisos.  
A ansiedade do medo se esvaiu  
Não fazia sentido o medo do  
re'encontro.

O que habitava entre aqueles corações era  
amor.

Mas... o sentimento tinha sua particularidade, não era aquele dos  
corpos, de amantes.  
Era um amor  
doce, terno...

Os gestos eram muito carregados de  
compreensão  
cumplicidade  
amizade.

Os corpos conversavam entre si, sem o toque.  
As curvas dos ombros,  
as orelhas inclinadas,  
as pernas esticadas e  
peito aberto diziam mais que as palavras.

Ali era de fato um amor.

Era leve e sereno.

Afinal, não tinha razão para temer tanto o re'encontro.

Aqueles corações...

sempre estariam um ao lado do outro.

Tinha uma seda, e ela, um pouco de trevo; fumar mais um não  
faria mal.